

UMA RECEITA NADA MINEIRA

Rita Maria Fonseca Matos Chagas*

Resumo

Discutimos, neste artigo, a noção de sucesso na Educação e seus desdobramentos éticos conforme apresentados em uma reportagem da revista *Veja* nº 26 de 4 de julho de 2007. Levantamos a hipótese de que os autores da referida reportagem visam oferecer aos leitores soluções de sucesso na Educação baseadas na abordagem tecnicista de ensino. Para fundamentar e direcionar as reflexões, utilizamos os pressupostos teóricos da Linguística Funcionalista, conforme as contribuições de Neves (2006), Halliday e Hasan (1989), Halliday (1973), pressupostos teóricos da abordagem tecnicista de ensino conforme Mizukami (1986), dentre outros.

Palavras-chave: Educação. Abordagem Tecnicista. Linguística Funcionalista.

INTRODUÇÃO

O tema da Educação tem sido objeto de discussões e estudos não somente por especialistas da área, mas também pela sociedade de uma maneira geral. É item que não pode faltar na composição dos projetos de partidos políticos e dos governantes, sendo, inclusive, imprescindível ingrediente mencionado por muitos candidatos durante suas campanhas eleitorais.

A despeito de diferentes focos ou interesses desses grupos, temos percebido, de modo bastante acentuado, que há como ponto em comum entre esses o interesse com questões relacionadas à dicotomia fracasso/sucesso escolar. Em consequência disso, temos visto surgir diferentes teorias didático-pedagógicas, diferentes medidas políticas e não poucas formulações e reformulações nas Leis Educacionais brasileiras, desembocando em divergentes práticas que se refletem na sociedade.

A reportagem que ora pretendemos analisar aborda a questão do sucesso e do fracasso, mas não se atém a uma simples informação, pois oferece aos leitores modelos ideais para a solução de problemas na educação. Essas soluções, conforme a hipótese que pretendemos defender nesse trabalho, são baseadas na abordagem tecnicista de ensino.

Em virtude disso, para fundamentar os argumentos com vista à comprovação da hipótese, trabalharemos, nas seções posteriores, os pressupostos tecnicistas e alguns fundamentos mais gerais da Linguística Funcionalista.

1. ABORDAGEM TECNICISTA

A abordagem tecnicista apresenta, em seu bojo, fortes influências do positivismo e da psicologia behaviorista americana, ou comportamentalista. Os pressupostos norteadores que influenciaram essa abordagem estão calcados,

* Mestre em Linguística pela UFU e doutoranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), bolsista Mérito Mack-Pesquisa. Orientadora: Dra. Maria Helena de Moura Neves. ritachagas70@yahoo.com.br

dentre outros aspectos, na visão de que o homem é produto do meio e, como tal, pode ter sua conduta modificada, adquirir habilidades e competências desde que seja estimulado por meio de intervenções externas.

Esse pensamento serviu de parâmetro para investigações nas diversas áreas do conhecimento, e encontrou terreno fértil na Educação, que priorizou o trabalho pedagógico objetivo, procurando cada vez mais eliminar as interferências subjetivas com vista a garantir eficiência, racionalidade, controle, produtividade e sucesso.

Várias estratégias foram adotadas para que os objetivos pedagógicos fossem alcançados, dentre elas destacamos: emprego de recursos didáticos tais como livros, fichas, recursos audiovisuais, eletrônicos; a produção de material por especialistas para que o professor o aplique em sala de aula obedecendo rigorosamente todas as instruções; a utilização de meios para modificação de conduta como elogios, prêmios, notas, classificações, dentre outros.

Esses recursos e estratégias se caracterizam, portanto, por instaurar a competitividade entre os alunos, a monitoração do trabalho docente para correção de falhas e a maximização de suas intervenções pedagógicas, conferindo à escola o estatuto de uma agência produtora de mão-de-obra para o mercado de trabalho e não um local de formação de seres humanos.

O sucesso no ensino aprendizagem baseava-se, então, na aplicação dos métodos por parte do professor e na aceitação passiva do aluno. De acordo com Mizukami (1986, p. 28), a ênfase dada aos estímulos externos exclui o indivíduo, pois ele “não participa das decisões curriculares que são tomadas por um grupo do qual ele não faz parte”. Dessa forma, tanto o aluno quanto o professor são desconsiderados, nessa abordagem, a despeito de serem pessoas capazes de usar seus conhecimentos em novas situações e pensar de modo crítico.

De acordo com Saviani (2004, p. 40), essa abordagem floresceu no Brasil nos anos 60, e atingiu seu ápice nos anos 70 a partir da promulgação da Lei n. 5692/71,

que abordou, em seu conteúdo, princípios tecnicistas como o da “racionalização – concentração, voltado à eficiência e produtividade com vistas a se obter o máximo de resultado com o mínimo de custos, [...] – flexibilidade” (SAVIANI, 2004, p. 43).

Antes disso, houve todo um processo de implantação que se tornou visível não somente pela abertura de “colégios de aplicação”, “ginásios vocacionais”, mas também pela assinatura de acordos educacionais entre o MEC-¹USAID, visando “reformular aspectos específicos do ensino brasileiro” (SAVIANI, 2004, p. 41).

Isso parece demonstrar que tais ações não foram estimuladas apenas para atender às necessidades educacionais do país e, sim, para atender a outras instâncias ligadas à Educação conforme discute Mizukami (1986, p. 29): “[...] a escola está ligada a outras agências controladoras da sociedade, do sistema social (governo, política, economia etc.) e depende igualmente delas para sobreviver. Essas agências, por sua vez, necessitam da escola, porque é a instituição onde as novas gerações são formadas”.

Movimentos e discussões contrárias a essa abordagem de ensino foram se tornando constantes no país, como, por exemplo, as propostas e amplas discussões como em Vasconcelos e Brito (2006, p. 52, 164), que, dentre outros aspectos, expõem as críticas de Paulo Freire à abordagem tecnicista, o qual afirmou que a técnica “não pode nunca reduzir ao adestramento” e que as receitas, por incentivar “as imitações”, “amortecem o ânimo criador”, além de revelar a “autodesvalia” e a “inferioridade” das sociedades, fazendo-as assumir a postura de “objeto” e não de “sujeito”.

Estudos de cunhos progressistas têm-se desenvolvido em nosso país; entretanto, a despeito dos avanços no meio educacional, o tecnicismo ainda tem influenciado e direcionado muitas práticas pedagógicas, pesquisas científicas, programas educacionais, inclusive os autores da reportagem objeto de nossa reflexão.

2. LINGÜÍSTICA FUNCIONALISTA

Como guia para análises do texto, utilizaremos os estudos linguísticos oriundos do paradigma funcionalista. De acordo com Neves (2006, p. 18), as várias escolas funcionalistas, muito embora apresentem marcas particulares em suas pesquisas, estão ligadas historicamente à Escola Linguística de Praga. Cada grupo, à sua maneira, tem desenvolvido em seu arcabouço funcionalista os princípios e estudos difundidos por aquela Escola.

Como exemplo do que foi mencionado acima citamos: a valorização do contexto, a abordagem sincrônica dos fatos da língua, a função desempenhada pela língua numa dada comunidade, a concepção da língua como um sistema aberto e, portanto, não totalmente estável.

Em decorrência desses e outros pressupostos, Neves elenca sete pontos centrais presentes nas investigações funcionalistas, dos quais citamos quatro, a saber:

. Relações entre discurso e gramática (porque o discurso conforma a gramática, mas principalmente porque **ele não é encontrável despido de gramática**). Liberdade **organizacional do falante**, dentro das restrições construcionais (**porque o falante processa estruturas regulares, mas é ele que faz as escolhas** que levam a resultados de sentido e a efeitos pragmáticos); distribuição de informação e relevo informativo (porque os diversos eventos têm, inerentemente, diferente importância comunicativa, **mas é o falante que lhes confere relevo, segundo seus propósitos**); fluxo de informação e fluxo de atenção (porque o discurso há sempre uma informação que flui, **mas é o falante que dirige, dentro de um ponto de vista, o fluxo de atenção que ‘empacota’ a informação, para apresentá-la ao ouvinte**). (NEVES, 2006, p. 17). [grifos nossos].

Esses aspectos contemplam a presença do sujeito, que no viés funcionalista não é um mero espectador, mas um sujeito ativo que utiliza o sistema linguístico para fazer escolhas com fins determinados, específicos. De acordo com Possenti (2001, p. 64), essa relação do sujeito com a língua é de “natureza constitutiva e não apropriadora”, o sujeito se constitui como tal em sua ação, não somente

em relação ao “aparelho formal”, mas também em relação “aos e sobre os mecanismos sintático e semântico”.

Nesse sentido, Halliday e Hasan (1989, p. 15) relacionam a ação dos sujeitos ao modo pelo qual eles fazem coisas diferentes com sua própria língua para alcançarem os mais variados objetivos e propósitos. A esses diferentes modos com que as pessoas utilizam a língua os autores (*op. cit.*, p. 17) denominam de funções, entendido esse termo não somente como sinônimo de uso, mas como alicerce sobre o qual o sistema linguístico é construído e organizado.

De acordo com Halliday (1973, p. 66), existem três funções mais gerais, as metafunções, que se originam das opções da gramática de uma língua e são descritas como: ideacional, interpessoal e textual.

A função ideacional se refere ao conteúdo da língua, com a qual o sujeito representa o mundo. Essa representação depende de suas experiências internas e externas; a função interpessoal se refere às relações sociais estabelecidas pelos sujeitos no discurso e a função textual se refere à forma com que os sujeitos organizam a língua para produzir seus textos para que esses sejam compreendidos como tais e não como um amontoado de frases. De acordo com Halliday e Hasan (1989, p. 23), as metafunções coexistem nos textos e nos discursos de forma integrada e devem ser tomadas simultaneamente, não de forma isolada.

Nesse artigo, as metafunções são consideradas de modo interligado, visto que o texto que analisaremos não realça uma ou outra metafunção. Além disso, nosso interesse consiste em verificar como os autores utilizaram os conteúdos linguísticos para representarem, no texto, o sucesso e o fracasso na Educação, oferecendo modelos pedagógicos segundo a perspectiva tecnicista.

3. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* da pesquisa é um artigo da Revista Veja (2007), setor de “Educação”, intitulado: “Receita Minei-

ra: o bom exemplo de Minas, que emplacou as cinco universidades campeãs no novo ranking do MEC” (VEJA, 2007, p. 104). O texto é assinado por José Edward e Marcos Todeschini, que se basearam na reportagem de Pedro Ricardo Costa.

O artigo ocupa duas páginas da revista, apresentando o título destacado nas formas tipográficas em caixa alta e negrito, e o subtítulo sem maiores destaques. Além desses aspectos tipográficos, os autores utilizaram uma grande imagem fotográfica de uma jovem em um laboratório. Essa fotografia traz a seguinte legenda: “Laboratório da UFMG, a melhor do país: pesquisa vendida às empresas” (VEJA, 2007, p. 104, 105).

Outro recurso visual utilizado no artigo consiste de dois quadros dispostos em páginas diferentes. O quadro da página esquerda traz o título “Campeãs em ensino: as cinco melhores universidades do país ficam em Minas Gerais, segundo o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), aplicado pelo MEC”, e o da direita, “Boas Medidas: o lugar de destaque dos estudantes mineiros nos recentes exames aplicados pelo Ministério da Educação (MEC) é resultado de um conjunto de medidas adotadas em todos os níveis de ensino”.

O primeiro quadro simula um bloco de anotações de tarefas, e apresenta o desenho de um lápis localizado à direita dos nomes das universidades mineiras que foram mencionadas ordinalmente do 1º ao 5º lugar. Ao lado de cada universidade há um rabisco (provavelmente feito com o lápis do desenho), dando a ideia de tarefa cumprida.

O segundo quadro apresenta uma relação entre as medidas governamentais tomadas nos níveis básico e universitário e os efeitos positivos decorrentes dessas medidas, mostrando, inclusive, os dados destacados em forma numérica de tamanho maior que as palavras e em negrito.

Os elementos linguísticos relevantes e pertinentes às propostas desse artigo serão mencionados nas análises, por meio de alguns excertos retirados do texto.

4. ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

Como afirmamos, no início desse artigo, pretendemos discutir as noções de sucesso e seus desdobramentos éticos na Educação, conforme apresentadas na reportagem da revista *Veja*. Levantamos a hipótese de que os autores visam oferecer aos leitores soluções de sucesso na Educação baseadas na abordagem tecnicista.

Para guiar nossos argumentos, com vistas à comprovação da hipótese acima mencionada, faremos um resumo a respeito do conteúdo da reportagem e, a seguir, procederemos às análises dos excertos.

De modo resumido, os autores do artigo apresentam um suposto ranking² nacional baseado no resultado do ENADE (Exame Nacional do Ensino Médio). Nesse “ranking”, as universidades mineiras aparecem como sendo as campeãs.

1 “A outra conclusão toma como base o **mapa brasileiro da excelência**. Em meio a estados e municípios atolados em notas vermelhas, Minas **vem se destacando** por **superar a média**, em todos os níveis de ensino”.

2 “A recente divulgação dos novos dados do ENADE, prova do MEC, [...] mais **uma vez ressaltou a eficiência mineira**”.

3 “**No ranking nacional as cinco melhores universidades do país** vêm de Minas [...] **São solitárias ilhas de bom ensino** reveladas num cenário desastroso”.

4 [...] “apenas **4% dos cursos do país** tiraram a nota máxima (5), **enquanto nas faculdades campeãs esse foi o caso de 60% a 80% deles**”.

Como podemos verificar nos excertos acima mencionados, as universidades mineiras são referidas com palavras e números que denotam sucesso como: “excelência”, “superar a média”, “eficiência mineira”, “solitárias ilhas de bom ensino”, “as cinco melhores universidades do país”, “4% dos cursos do país [...] enquanto nas faculdades campeãs esse foi o caso de 60% a 80% deles”.

Essas escolhas não foram aleatórias, pois segundo a perspectiva da Linguística Funcionalista adotada por

nós neste artigo, o sujeito, ao agir, o faz de modo intencional, com objetivos e propósitos definidos. A nosso ver, os autores da reportagem querem pôr em relevo o possível desempenho educacional no Estado de Minas Gerais e, a partir dessa informação, guiar seus argumentos na tentativa de apresentar para o público leitor os modelos de sucesso adotados pelas universidades mineiras, em relação ao fracasso de outras.

De acordo com os excertos abaixo, um dos modelos de sucesso da Educação em Minas Gerais se relaciona à implementação de estratégias racionais que visam controlar o processo de ensino/aprendizagem, conforme podemos observar nos excertos abaixo:

6 “Aplicar uma **prova** para **medir o nível dos alunos** nas classes de alfabetização. O **exame** permite mapear as **deficiências** numa série que reprova **30%** dos estudantes”.

7 “Em Viçosa [...] **implantou-se** um sistema simples: no fim do ano, **premiam-se com medalha ao mérito os melhores alunos e professores**, uma prática que **tornou o ambiente de lá mais competitivo – e eficiente**”.

No excerto 6, o controle do processo de ensino/aprendizagem baseia-se na adoção de provas e exames para medir, de modo racional, “as deficiências” no ensino. Ainda que não tenhamos acesso ao tipo de “prova”, de “exame” aplicado aos alunos, acreditamos que é muito difícil, dadas as variáveis que existem dentro e fora da sala de aula, que, com um único tipo de prova, de exame, alguém possa ser avaliado de modo justo a ponto de ser possível, com esse tipo de procedimento, “mapear as deficiências” na aprendizagem. No excerto 7, o controle do processo é feito por via de estímulos para modificação de conduta premiando os alunos e professores que se destacam como os melhores da turma, da classe.

De acordo com os pressupostos da abordagem tecnicista, descritos neste artigo, essas intervenções externas permitem que falhas sejam corrigidas e incen-

tivam a produtividade do aluno. Entretanto, à luz dos ensinamentos de Paulo Freire, conforme estudo de Vasconcelos e Brito (2006, p. 52 e 154), esse tecnicismo, além de impedir a criatividade do aprendiz, o torna objeto, e não sujeito de sua aprendizagem.

Outro item mencionado pelos autores da reportagem como modelo de sucesso adotado pelas universidades mineiras se refere à monitoração do trabalho docente, demonstrada nos excertos abaixo:

8 “**Distribuir aos professores cartilhas** que servem de **roteiro** para as aulas – e **treiná-los** para que **façam bom uso do material**. **Preparados** para dar aula, **os 180.000 professores da rede pública não improvisam, como ocorre na maioria das escolas do país**”.

9 [...] “os professores que ingressam nas escolas por meio de concurso público passaram a ter o desempenho avaliado por uma **comissão de especialistas**, ao longo de 3 anos. Ao contrário do que ocorre no **restante do país**, os maus professores de Minas podem ser demitidos, caso de 237 deles até então”.

10 Diretora da escola Professor Leon Renault, Maria de Lourdes Sassy **traduz os ganhos**: “Finalmente vou poder **dispensar os professores que não sabem ensinar. É um bom começo**”.

No paradigma tecnicista a monitoração do trabalho docente é feita por especialistas que, além de preparar o material didático, elaboram instruções para os professores o colocarem em prática, conforme podemos verificar no excerto 8. Nesse excerto, a formação profissional se resume a um simples treino, mediante o qual o docente se torna apto para exercer a profissão sem “improvisos”.

Nesse modelo, conforme argumentam Mizukami (1986) e Vasconcelos e Brito (2006), professor e aluno são desconsiderados, pois não fazem parte do processo, restando-lhes, apenas, a aceitação passiva.

Outra forma de monitoração do trabalho docente é feita por meio de avaliações, também aplicadas por especialistas, conforme podemos observar no excerto 9. O trabalho docente, nesses casos, é avaliado segundo a

visão da “comissão de especialistas” que detêm o poder para aprovar ou reprovar os profissionais. Esse modelo de monitoração é questionável, pois pressupõe imparcialidade e objetividade dos avaliadores. Além disso, os critérios de avaliação que servem como parâmetros para a “comissão de especialistas” avaliar aqueles que sabem e os que não sabem ensinar não são explícitos, de tal forma que fica difícil pensar em uma avaliação justa.

Esse tipo de procedimento pode se desdobrar em muitas práticas que revelam abuso de poder, exclusão, pois as regras do processo não são compartilhadas com os professores nem com os alunos. O controle é exclusivo de seus superiores, que acabam tendo em suas mãos não somente os instrumentos de avaliação, mas também os sujeitos avaliados. É o que demonstra a afirmação do excerto 10: “Diretora da escola Professor Leon Renault, Maria de Lourdes Sassy **traduz os ganhos:** ‘Finalmente vou poder **dispensar os professores que não sabem ensinar**’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a abordagem tecnicista de ensino, as medidas pedagógicas advêm de tomadas de decisões, quase sempre políticas, baseadas no controle, na racionalidade, que são alguns dos requisitos necessários à garantia da eficiência, produtividade e sucesso.

Nesse contexto, o sucesso se relaciona à obtenção de notas elevadas por parte dos alunos e da instituição por eles representada, às posições classificatórias, ao incentivo da competitividade, à busca da eficiência, à racionalização. Dito de outro modo, o sucesso é mensurável e acaba por se tornar um privilégio de poucos.

A noção de sucesso como produto desses elementos carece de problematização, pois seus instrumentos não traduzem garantia de aprendizagem, visto que esse tipo de abordagem põe em relevo algumas pessoas e despreza outras, além de ser contrário às pesquisas científicas que demonstram que os alunos são

capazes de aprenderem em tempos diferentes e modos diferentes, conforme ensina Vygotsky (1998); há a possibilidade de o aprendizado não acontecer, mesmo a despeito da utilização de boas técnicas e metodologias, conforme apontam as pesquisas científicas de cunhos discursivos identitários de Coracini e Bertoldo (2003), dentre outros.

Esse tipo de abordagem, por realçar a técnica, desconsidera o potencial criativo das pessoas, ignora a realidade multicultural que vivenciamos, exclui o diferente, não contempla o ser humano em suas dimensões totais, dimensões essas de cunho físico, emocional, intelectual, moral e espiritual, que operam de forma integrada, visto que as pessoas não são objetos que podem ser medidos, avaliados, formados segundo padrões preestabelecidos.

Essa abordagem também parece excluir aqueles que possuem necessidades especiais, pois, nas “medidas pedagógicas” e “políticas” tomadas pelo Estado de Minas e suas universidades, os que possuem dificuldades visuais, auditivas, mentais e outras não foram incluídos. Ou será que os “180.000.000” professores da rede pública mineira, ao serem treinados para utilizar a cartilha, estão preparados para dar aula aos alunos com necessidades especiais de tal forma que “não improvisem, como os demais no restante do país”?

Obter sucesso, segundo os parâmetros apresentados no texto “Receita Mineira” é estar nos primeiros lugares, é preencher as necessidades de mão-de-obra do mercado, é conseguir um diploma, como se esses alvos, ao serem atingidos, fossem a garantia ou o passaporte para uma boa educação.

Se esses aspectos fossem índices de boa educação, então teríamos a certeza de que soda cáustica e água oxigenada não seriam utilizadas no leite das crianças; também poderíamos nos alimentar com segurança, pois em nossas frutas e legumes, carnes, sucos, não haveria quantidades exorbitantes de agrotóxicos, hormônios e

corantes, respectivamente; as cadeias e os presídios não estariam tão cheios; teríamos certeza de que nossos impostos seriam empregados em favor de nossas necessidades; não existiriam tantas CPIs e nem suas pizzas; os remédios não seriam adulterados; não precisariam existir campanhas publicitárias pela paz, pois respeitá-los e seríamos respeitados.

Esses são alguns princípios básicos que não são contemplados pelo texto “Receita Mineira” e, por isso, seus ingredientes não podem ser um “bom exemplo” para a educação do povo brasileiro.

Para terminar nossa reflexão, não vemos Minas Gerais nem os outros estados do país representados sob o olhar tecnicista do texto “Receita Mineira”, pois existem instituições educacionais que apresentam visões pedagógicas mais humanas. Como bom exemplo, citamos um trecho que aponta os resultados de uma pesquisa feita em escola de uma cidade do interior de Minas Gerais:

Ressalto que o significado maior da Escola Evangélica Chagas dos Reis está no seu legado às gerações futuras, em termos de subsídios éticos-morais e comportamentais. Fica clara a intenção civilizatória e cultural que ela repassou a seus alunos, de modo que configurassem novas formas de estruturação da sociedade e da administração das coisas públicas. Sem conotação de supervalorização, entendo que o trabalho dessa escola foi muito bem fundamentado lastrado em tradições e interpretações filosófico-ideológicas profundas e sérias, e seu resultado final é extremamente louvável. Afinal, tratava-se de um educandário, de uma escola cristã, onde a educação **nunca foi um simples acomodamento de informações técnicas, mas um instrumento de formação de personalidades, o que encerra uma filosofia ainda não desprezada: a de construir corações e mentes voltados para os princípios da justiça, da paz, da solidariedade e do frateralismo cristão**”. [grifo nosso] (LEITE, 2005).

A visão educacional dessa escola não se limitava aos aspectos intelectuais das pessoas. Essa é uma visão com a qual concordamos, pois entendemos que a educação é um processo que proporciona às pessoas serem e estarem no mundo de uma forma respeitosa e justa.

IS THIS A TRUE RECIPE FROM MINAS GERAIS?

Abstract

We intend to argue the notion of success in the Education and its Ethical displays issued from the corpus of *Veja* magazine number 26 at July 4th 2007. We put the hypothesis that the authors aim at to offer to the readers solutions of success in the Education based in behavior or technical approach. To justify and to manage the reflections, we use the studies of Neves (2006), Halliday e Hasan (1989), Halliday (1973), and the contributions from Technical approach according Mizukami (1986), among others.

Key words: Education. Ethics. Technical Approach. Funcionalist Linguistic.

NOTAS

- ¹ O significado dessa Sigla é: Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional.
- ² O coordenador geral do ENADE, Sr. Amir Limana, respondeu nossa solicitação via e-mail, afirmando a impossibilidade de fazer um ranking com a sistemática utilizada pelos especialistas do ENADE. Confira detalhe desse email nos anexos desse artigo.

REFERÊNCIAS

- BERTOLDO, E. S. O discurso pedagógico da linguística aplicada. In: CORACINI, M. J. R. F.; BERTOLDO, E. S. (Org.). *O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e língua estrangeira)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003, p. 161 – 189.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2. ed. London: Oxford University Press, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K. *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold Publishers Ltd., 1973.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. Rio de Janeiro: EPU, 1986.

LEITE, S. C. Predestinação e Escolaridade: a comunidade presbiteriana e a educação no município de Lagamar. In: GATTI, D. J. FILHO, G. I (orgs.). *História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa produção e novas investigações*. Uberlândia, MG. Edufu: 2005.

NEVES, M.H.M. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

POSSENTI, S. *Discurso, Estilo e Subjetividade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes.

VASCONCELOS, M.L.M.C.; BRITO, R.H.P. *Conceitos de educação em Paulo Freire*. Petrópolis, RJ: Vozes: São Paulo, SP: Mack Pesquisa – Fundo Mackenzie de Pesquisa, 2006.

SAVIANI, D et al. O legado educacional do “longo século XX brasileiro”. In: *O legado educacional do séc. XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

REVISTA VEJA. São Paulo: Editora Abril, n. 2015, p. 126 – 127, julho 2007.

VIGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. Tradução de José Cipolla Neto et. AL. 6. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Enviado em 06 de junho de 2008

Aprovado em 08 de setembro de 2008

ANEXOS

ANEXO A – RESPOSTA DO COORDENADOR DO ENADE

Cara Rita

Não existe ranking no ENADE!

É impossível fazer um ranking com a sistemática que usamos. O ENADE só tem sentido quando visto no contexto do SINAES. O exame contribui com apenas 10% do conceito final do curso e da instituição. Isto significa que um curso que tenha conceito 5 no ENADE poderá ficar com um conceito 3, ou 4, ou até 2 ao final de toda a avaliação do SINAES. O ENADE não pode ser confundido com o provão. Podes averiguar pela legislação do SINAES que está na página do INEP.

Saudações

Amir Limana

Coordenador-Geral do ENADE.

-----Mensagem original-----

De: Enviada: 8/24/2007 12:24:16

Para: enade@inep.gov.br

Cc: Assunto: Informações sobre o ranking do Enade

Prezados Senhores:

Entrei em contato com vocês, por duas vezes, solicitando-lhes a gentileza de esclarecer informações sobre o ranking do Enade. Li, na revista Veja, que as Universidades de Minas Gerais foram as Campeãs nacionais. Procurei checar a informação pelo site de vocês mas não a encontro de maneira clara. Por gentileza, desculpem-me a insistência, vocês poderão esclarecer para mim quem realmente foi campeão no Enade? No site consta que foram Universidades do Nordeste. Preciso dessa informação urgente, pois estou fazendo uma pesquisa de doutorado e não posso me equivocar nas informações.

Obrigada,

Cordialmente,

Rita Chagas

_____ Informação do NOD32 IMON 2485 (20070826) _____

Esta mensagem foi verificada pelo NOD32 sistema antivírus

<http://www.eset.com.br>

